

O Capitalismo histórico, o sistema-mundo e os movimentos antissistêmicos: uma homenagem a Immanuel Wallerstein¹

Giorgio Riolo²

Tradução de Graziano Mazzochini³

Em agosto de 2018 faleceu Samir Amin. Em agosto de 2019 foi a vez de Immanuel Wallerstein. Depois da morte de Andre Gunder Frank (2005) e de Giovanni Arrighi (2009), o chamado “bando dos quatro” extinguiu-se. A colaboração entre eles realizou-se em várias fases e ocasiões. Uma particularmente importante: o belo livro coletivo de 1982, *Dynamics of Global Crisis* (em francês *La crise, quelle crise?*), que foi em seguida traduzido parcialmente em italiano. Um modelo de análise coletiva com diferentes abordagens da longa crise capitalista (cujo início é datado, conforme o recorte adotado, a partir de 1967, 1971 ou 1973) que seguiu os trinta gloriosos de prosperidade e crescimento do segundo pós-guerra.

Cada um com o seu específico perfil intelectual e político, com a peculiaridade da sua própria formação e influxos, e, porém compartilhando o fato de viver um grande período histórico, que chamamos “o despertar dos povos coloniais”, com o início das esperanças despertadas pela descolonização, pelos movimentos de libertação nacional, pelo “terceiro-mundismo”. Não que, é claro, eles fossem os únicos, sendo que tal corrente de pensamento (“escola da dependência”, do sistema-mundo, da relação centro-periferia, da relação Norte-Sul etc.) apresentava muitas figuras, muitos outros estudiosos e ativistas políticos numa escala mundial.

Um grande período de fervor cultural e teórico, de estudos, de artigos, de ensaios, de livros, de conferências, de colóquios etc. O moto histórico interage com e influencia a teoria. Marx, por sua vez, realizara a anatomia do capitalismo a partir do microcosmo da fábrica inglesa e daquela fábrica estendida, a “oficina do mundo” então representada pela Inglaterra; elaborara as categorias decisivas e o método para compreender o sistema capitalista.

¹ Artigo originalmente publicado no site Effimera, em 9 de setembro de 2019. Disponível em: <http://effimera.org/il-capitalismo-storico-il-sistema-mondo-e-i-movimenti-antisistemici-omaggio-a-immanuel-wallerstein-di-giorgio-riolo/>

² Giorgio Riolo é militante da esquerda alternativa italiana e ativista no trabalho cultural e de formação da cultura política. Foi fundador de associações culturais e revistas teóricas, entre as quais Marx centouno.

³ Doutorando em Filosofia Contemporânea pela UFMG.

Agora, depois das importantes obras do século XX em torno do capital financeiro e do imperialismo, era preciso operar uma espécie de “revolução copernicana”, era preciso sair do eurocentrismo e do ocidental-centrismo. Era preciso pôr o mundo no centro, o sistema capitalista em escala mundial, o sistema hierarquizado das relações entre centros e periferias, e assim analisar enquanto subordinadas às economias e às políticas nacionais.

Para eles dizer-se “marxistas” significava continuar a obra de Marx à luz das transformações históricas, dos novos ganhos teóricos, dos novos estudos, dos influxos de outras escolas de pensamento – para todos eles Karl Polanyi e Fernand Braudel, para Wallerstein sobretudo Frantz Fanon, entre os outros; e sobretudo à luz da emergência de outros sujeitos históricos além do sujeito primordial: a “classe operária”, o “proletariado”: o século XX é o século dos “movimentos antissistêmicos”(movimento operário, movimento camponês, movimento ambientalista, movimento feminista etc.), donde um leque de opções políticas e culturais, as quais fazem com que tenha-se de reconhecer a existência, em lugar de um marxismo só, de vários marxismos.

Wallerstein dirá que a “unidade de análise”, mínima e prioritária, é o sistema-mundo (categoria derivada do historiador francês Fernand Braudel) e que o capitalismo, enquanto sistema social histórico, apresenta na sua longa história os traços característicos dos sistemas sociais, isto é, a presença simultânea de “transformações” e de “persistências”. Um modo de produção e uma formação social que transformou-se muito, nas suas várias fases e transições, permanecendo, contudo, sempre capitalismo.; Pensando na esteira de Amin, tratando-se de um sistema mundializado (hoje em dia diríamos “globalizado”) desde a sua origem, a atual mundialização-globalização não é vista como um fenómeno inédito. Inédito é apenas o triunfo do neoliberalismo, da desigualdade acentuada, do cancelamento de conquistas históricas das classes subalternas e dos povos oprimidos das periferias, depois do fim do socialismo real e dos movimentos de libertação nacional.

Sociólogo por formação, Wallerstein, judeu alemão e estadunidense por nascimento, foi estimulado pela família a se interessar pela política. No pós-guerra a independência da Índia e num segundo momento a longa experiência tida na África, até os primeiros anos da década de setenta, constituíram o terreno real, concreto que foi o ponto de partida para o seu trabalho intelectual e para o seu engajamento político. O trabalho intelectual focou-se desde então numa empreitada de grande alcance, uma história do capitalismo desde as origens até hoje. No vínculo “sistêmico” entre as várias

instâncias do econômico, do social, do cultural, do político, e no vínculo rigorosamente “histórico”, na averiguação concreta e real da riqueza das experiências na arena mundial: *The Modern World-System* (traduzido em italiano, alterando o seu título, como *Il sistema mondiale dell'economia moderna*) é esta obra capital. Wallerstein pôde completar apenas os primeiros quatro volumes, os quais abrangem tal história desde o século XVI até século XIX passando pela revolução francesa.

Em 1983, apareceu um pequeno volume intitulado *O capitalismo histórico* (publicado na Itália inicialmente pela editora Einaudi, hoje pela Asterios), onde o autor condensou os resultados e os conteúdos das suas pesquisas. Importante, nesta obra, além da descrição do funcionamento do capitalismo, a insistência, haja vista a concepção da qual foi dito acima, no que concerne à divisão internacional do trabalho, à diferenciação étnica da força de trabalho (assim como já tivera sido feito por Marx a propósito da relação entre operários irlandeses e ingleses), ao racismo, ao sexismo, etc. Para enfim concluir com a tematização da dialética da noção de “progresso” e com o seu controverso posicionamento acerca do empobrecimento absoluto, e não relativo, de amplas camadas da população mundial, fora o indubitável progresso do nível de existência de alguns estratos de operários industriais. Mas não aqui não temos o espaço para desenvolver a questão.

Assim como não há espaço aqui para retomar a sua contribuição acerca das noções, hoje mais decisivas do que nunca, de raça, classe, nação, cultura, identidade, etc. e [para retomar] a sua visão das mudanças históricas – inclusive das revoluções, do socialismo e do comunismo. As mudanças são enxergadas segundo a perspectiva da “longa duração” (sempre na esteira de Fernand Braudel) e não do curto prazo. Trata-se de verdadeiros divisores de águas apesar da derrota ou dos aparentes apagamentos, tais como 1848, a Comuna de 1871, a revolução de 1917 e o 1968, do qual ele participou na Columbia University e que foi por ele considerado uma verdadeira revolução do sistema-mundo.

Em conformidade com a sua visão dos “movimentos antissistêmicos”, Wallerstein foi muito ativo no chamado movimento altermundialista e nos trabalhos dos Fóruns Sociais Mundiais, desde 2001 em Porto Alegre em diante, assim como Samir Amin e outros estudiosos e ativistas desta corrente de pensamento.

Importante enfim a sua tomada de posicionamento em face da crise mundial capitalista que eclodiu em 2007-2008. Ao seu ver o cenário que apresentava-se como resultado de tal crise – naturalmente não enquanto consequência determinista mas como

saída dos conflitos sociais e políticos desejáveis por parte das classes subalternas e dos movimentos – era algo como uma nítida bifurcação: ou um sistema social e político autoritário ou um sistema social e político mais democrático, mais participativo.

As raízes históricas, dentro do capitalismo, da diferenciação étnica da força de trabalho (não apenas numa escala mundial, mas também no interior das nossas sociedades), do racismo, do sexismo, a lição acerca dos movimentos antissistêmicos e esta visão realista do cenário que abre-se à nossa frente, permanecem como pontos firmes na análise, para entendermos o nosso tempo e para tornarmos consistente o empenho social e político à altura dos desafios do mundo contemporâneo.